



ASPIRANTES NA CONTRAESPIONAGEM

CMG (RM1) Pedro Gomes dos Santos Filho

Guerra! Guerra! Guerra! Com esses gritos uma multidão se deslocou da Cinelândia até a Rua Paissandu, em frente ao Palácio Guanabara. Exigia do Governo Getúlio Vargas represálias contra os alemães, cobrando veementemente que o Brasil entrasse em guerra contra o nazismo, ao lado dos aliados. Data: 18 de agosto de 1942.

A principal razão do protesto foi o afundamento, pelo submarino alemão U-507, de três navios mercantes brasileiros, ocorrido na costa de Sergipe entre 15 e 16 daquele mês. Ao se reunirem, as pessoas ainda não tinham noção exata da tragédia. Somente na noite do dia 18, o programa de rádio “Hora do Brasil” transmitiu comunicado contendo os nomes dos navios e outros detalhes.

Dias depois, a foto de uma das vítimas, uma garota de três anos cujo corpo foi parar na praia, estampou a capa da revista O Cruzeiro (tiragem 58 mil exemplares) e causou comoção em todo o país. Morreram mais de 500 pessoas. Entre elas, as mães de um Aspirante do 3º ano e de um Guarda-Marinha, que recebeu a notícia a bordo do Navio-Escola “Almirante Saldanha”, atracado em Montevideú, única escala no estrangeiro da curta viagem de instrução de 1942.

Em 22 de agosto daquele ano, foi declarado o estado de beligerância, seguido do estado de guerra contra a Alemanha e a Itália. O Diário Oficial do dia 31 do mesmo mês publicou Decreto referente à decisão.

Consequência dos ataques, grandes manifestações populares intimidaram alemães e seus descendentes que viviam no Brasil. Bares, lojas e clubes germânicos foram depredados. No Rio de Janeiro, os principais alvos foram os bares Zeppelin e o Rhenania, em Ipanema, e o Bar Berlin (hoje Bar Lagoa), todos na Zona Sul.

Da Zona Sul, a vontade de querer fazer algo contra os nazistas migrou em direção ao Centro e atracou na ponte dos escaleres, em Villegagnon.

“Logo após a declaração de guerra, aumentaram os comentários sobre a existência de espões no Brasil. Alguns Aspirantes passaram a dedicar horas à noite tanto na Escola como quando licenciados, procurando localizar nos prédios da cidade algum sinal luminoso orientado para o mar onde estariam submarinos em busca de informações. Lembro-me de um deles que pediu licença ao Departamento Escolar para, à noite, ir ao bairro de Santa Tereza procurar localizar sinais luminosos suspeitos. Foi feito segredo sobre a operação noturna e ficamos sem saber a conclusão. Foram eles apelidados como a turma do “flash light”....¹

A quase totalidade dos Aspirantes não acreditou naquela história de procurar suspeitos. Cheirava a licença. Afinal, a única guerra que eles haviam participado até então era a “guerra” contra os cadetes do Exército e da FAB (após 1941), durante as competições da Taça Lage, precursora da NAVAMAER.

A inexperiência em guerras não significava falta de coragem. A participação no salvamento de um

hidroavião, que ao decolar do Santos Dumont caiu nas proximidades da Escola Naval, em janeiro de 42, comprovou isso. Os Aspirantes, que faziam exercícios nos escaleres, foram os primeiros a prestar socorro aos passageiros. Os feridos foram levados à enfermaria da Escola Naval, receberam pronto atendimento e, sãos e salvos, foram liberados.

Coragem os Aspirantes provaram que possuíam, mas será que a iniciativa da “Turma do *flash light*” era mesmo válida? Espiões alemães agiam no Rio de Janeiro? Havia razão para procurar espões no bucólico bairro de Santa Teresa? Seria grande a chance de surpreender alguém transmitindo sinais luminosos de terra para os submarinos? A iniciativa ocorreu no momento certo? Havia outro local onde as ações de contraespionagem poderiam ser empreendidas?

xxx

Com o mundo em conflito, a espionagem se transformou em um dos temas preferidos do cinema. Aventuras de espões resultavam em boas bilheterias. Episódios ocorridos no Brasil, caso fossem explorados pela indústria cinematográfica, poderiam gerar excelentes enredos de filmes do gênero.

Um deles contaria a história da profissional da beira do cais apelidada “Aninha dos Torpedos”. Era loura. Atuando no porto de Salvador, se envolvia com marujos norte-americanos, a fim de conseguir informações sobre as rotas dos seus navios, para posteriormente passá-las aos alemães. Os dados existentes não informam como terminou a sua história, mas um bom roteirista se encarregaria de criar um *gran finale* para a Mata Hari baiana.

Outro filme, certamente com salas de cinema lotadas, seria sobre o desmantelamento da rede de espionagem alemã no Rio de Janeiro. O enredo incluiria tudo a que esse tipo de filme tem direito: códigos secretos, estações rádio clandestinas, nomes falsos, chave de cofre, tocaia, paixões desmedidas, mulher fatal e um competente detetive brasileiro, o delegado paulista Elpídio Reali. Ele chefiou a equipe que prendeu o espião alemão Josef Jacob Johannes Starziczny em uma casa no tranquilo bairro do Leblon, onde funcionava uma das mais importantes células de espionagem nazista no Brasil. Daquele local, por meio de rádios transmissores, informações periódicas eram enviadas para a Alemanha.

Após invadir a casa, o delegado descobriu que o espião estava monitorando o trajeto do navio “Queen Mary” pela América do Sul, a fim de passar por rádio

¹ BORBA, Carlos. *Guardas-Marinha na guerra*. Niterói, RJ. 2004.

sua localização para submarinos alemães. O “Queen Mary”, orgulho da frota britânica, que recentemente deixara o porto do Rio, rumava para a Austrália com oito mil soldados canadenses a bordo. O navio foi avisado pelo governo brasileiro e alterou sua rota de modo a impedir a ação dos submarinos inimigos, cancelando sem avisar a atracação em Buenos Aires. Quando o navio não atracou naquele porto no dia programado foi dado como desaparecido pelas autoridades argentinas. A rádio de Berlim chegou a comunicar o seu afundamento. Dias depois, notícias deram conta de que o navio chegara intacto à Austrália. Grande decepção para os espões “germano-cariocas”.

Sim, espões alemães atuavam no Rio de Janeiro. Entre 1939 e 1941, muitos deles residentes no Brasil puderam montar uma vasta rede de espionagem para Adolf Hitler. A maioria trabalhava para o Abwehr (Departamento do Exterior do Alto Comando das Forças Armadas da Alemanha), chefiado pelo legendário Almirante Wilhelm Franz Canaris.

A rede transmitia suas mensagens via rádio para serem captadas por uma poderosa estação receptora e transmissora instalada em Hamburgo. Especialistas do Abwehr haviam descoberto que a comunicação radiotelegráfica na direção nortesul, ou vice versa, era mais fácil do que no sentido leste-oeste. Era melhor transmitir da América do Sul para a Alemanha do que dos EUA.

Os agentes alemães nesse país se viam obrigados a enviar suas informações relativas às rotas de reabastecimento dos teatros da guerra na Europa e África do Norte a estações clandestinas instaladas no Hemisfério Sul, de modo a serem retransmitidas para a Alemanha. O Brasil foi escolhido para concentrar essas estações. Importante porto e capital federal, onde se situavam as embaixadas, a cidade que abrigou o maior número de estações de rádio e redes de espionagem no país foi o Rio de Janeiro.

Os agentes das redes espalhavam-se por toda a cidade, mas um bairro tinha a sua preferência: Santa Teresa. A rede mais importante, capitaneada por Albrecht Gustav Engels, engenheiro da Siemens, codinome “Alfredo”, teve o apoio de dois técnicos na montagem da sua estação rádio. Um deles foi o engenheiro Hans Muth, também da Siemens, consultor da MB e instrutor na Escola Técnica do Exército. Naturalizado bra-

sileiro, morava na Rua Almirante Alexandrino 863, em Santa Teresa. O outro, Beno Sobisch, funcionário da Telefunken, amigo e vizinho de Hans, residia no nº 869 da mesma rua. Perto dos dois, no nº 882, morou Theodor Friedrich Schlegel, outro agente do Abwehr. Próximo dali, na Rua Monte Alegre 172, residência do alemão Friedrich Kempfer, foi encontrada uma grande quantidade de radiotransmissores. Algo no bairro atraía os espões.

A primeira ação de outro agente, Frank Walter Jordan, ao chegar ao Brasil com a tarefa de montar mais uma rede de espionagem, foi tomar um táxi, a fim de se encontrar com um contato indicado pelo serviço secreto alemão. Qual o endereço informado ao motorista? Rua Barão de Petrópolis, 187. Bairro? Santa Teresa.

O bairro também foi o local escolhido pelo agente alemão Franz Wasa Jordan para ficar instalado enquanto aguardava o momento próprio para executar uma importante missão: assassinar Oswaldo Aranha, Chanceler brasileiro, durante a 2ª Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos, realizada em janeiro de 1941. Antes de conseguir seu intento, foi preso pela polícia brasileira, com o apoio do FBI e do MI6.

A casa do Embaixador alemão, por coincidência ou estratégia, também estava localizada em uma das ruas tranquilas do bairro. O assessor do Embaixador, CMG Hermann Bohny, Adido Naval, constava como

o principal contato de “Alfredo”.

O Aspirante que pediu permissão para ir a Santa Teresa procurar sinais luminosos suspeitos tinha alguma razão. O bairro, que surgiu de um convento e após o declínio da Lapa se tornou ponto de encontro de boêmios e artistas, era um bom local para procurar espões alemães. Só não era provável que durante a sua ação de contraespionagem o intrépido Aspirante surpreendesse alguém enviando sinais luminosos para submarinos. Apesar de haver indícios de que certas regiões do litoral brasileiro tenham sido frequentadas por submarinos inimigos, o Rio de Janeiro não apresentava as condições ideais para transmitir sinais lampejados da costa. O risco era grande. Logo após a declaração de guerra o cerco aos espões se intensificou. A polícia redobrou esforços no sentido de neutralizar agentes inimigos. As redes de espionagem foram sendo desmanteladas uma a uma. Além disso, o fato de o Rio

“Apesar de haver indícios de que certas regiões do litoral brasileiro tenham sido frequentadas por submarinos inimigos, o Rio de Janeiro não apresentava as condições ideais para transmitir sinais lampejados da costa.”



ser uma cidade populosa (cerca de um milhão e 900 mil habitantes) facilitava que alguém observasse sinais luminosos sendo transmitidos e avisasse à polícia. Mas não apenas o risco reduzia as chances dos Aspirantes. O método de transmissão de sinais carecia de confiabilidade e oportunidade. É improvável que os comandantes dos submarinos confiassem nas instruções de sinais enviados de terra, sem ter a certeza sobre quem estava transmitindo. Não seria prudente se aproximar de terra, ficar vulnerável, apenas para buscar informações que podiam ser falsas. Também é de se supor que dificilmente os espões conseguiram transmitir as informações de maneira que permitissem o deslocamento do submarino a tempo de se posicionar para um ataque, perdendo, deste modo, o seu valor. A baixa eficácia do método não encorajava a sua aplicação e não valia a pena correr o risco, nem para os espões nem para os submarinos. Tudo isso diminuía a chance de êxito da “Turma do *flash light*” no cumprimento de sua missão.

As ações de contraespionagem dos Aspirantes começaram após a efetiva ação da polícia do Rio. Provavelmente eles não sabiam, mas com as prisões efetuadas, em setembro de 1942 “a máquina de espionagem alemã no Rio de Janeiro parou, deixando aparentemente apenas um homem em São Paulo, ainda trabalhan-

do para o Abwer”². Portanto, para conseguir algum resultado, as ações deveriam ter começado bem antes da declaração de guerra. Se isso fosse feito e tivessem como “Teatro de Operações” o Centro do Rio, poderiam ter identificado algum suspeito, não transmitindo sinais luminosos, mas envolvido em outras atividades.

O Centro da cidade era terreno conhecido dos Aspirantes. Sábado à tarde, após a licença, tinham compromissos com as namoradas e sessões de cinema, onde podiam assistir ao sugestivo filme “Confissões de um espão nazista”, sucesso da época. Depois do cinema, esticavam em lanches na “Americana” e “Brasileira”, localizadas na Cinelândia. Durante o lanche combinavam o programa da noite. Aos domingos, praia ou o bar do Hotel Avenida (hoje Edifício Avenida Central), a fim de saborear um chope gelado. Como alguns espões costumavam trocar mensagens em locais próximos – os bares Brahma, na Avenida Rio Branco, e o Nacional, na Rua Bittencourt Silva, e as confeitarias Colombo, na Rua Gonçalves Dias, e a Lallet, no Largo da Carioca³ – os Aspirantes envolvidos nas ações de contraespionagem, caso concentrassem seus esforços

² HILTON, E. Stanley. *Suástica sobre o Brasil*. Civilização Brasileira, 1977.

³ Idem.

naquela área, poderiam, quem sabe, surpreender algum suspeito em atividade, mesmo considerando que os espões levavam larga vantagem.

As ações de espionagem eram facilitadas, pois mesmo após o país entrar em guerra não havia o necessário cuidado com o sigilo. Houve caso de jornais publicarem, como notícia de rotina, a partida de um comboio de Salvador para Recife. Outra feita, o embarque de uma tropa a ser transportada de São Luís para Recife, programado sigilosamente para meia-noite, foi assistido por grande público, que aplaudia o embarque ao som de uma banda de música convocada para “abrilhantar o evento”⁴. Além disso, não era difícil conseguir informantes. Muitos funcionários dos portos, estivadores, prestadores de serviço, lavadeiras e até militares simpáticos à causa alemã forneciam in-

formações sobre os navios atracados, organização de comboios, datas de saída, e cargas transportadas.

Um caso grave de vazamento de informações sobre a carga foi o relatado pelo Comandante do “Tamarandé”, do Lloyd Brasileiro, após o torpedeamento do navio, em 26 de julho de 1942, pelo submarino U-66. Segundo ele, o Comandante do submarino, que falava bem o português, sabia que o navio brasileiro transportava minério de urânio com destino aos Estados Unidos, fato que não era do seu conhecimento. Posteriormente, foi apurado que antes da guerra o alemão frequentava o Café Belas Artes, situado na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Almirante Barroso, ponto de encontro de políticos e militares. Não se descobriu como o alemão teve conhecimento da preciosa carga, mas, possivelmente, os conta-

⁴ *História Naval Brasileira*, Volume V, Tomo II.



tos feitos no tempo em que morava no Rio foram de grande valia.

Este episódio bem demonstra que em tempos de guerra qualquer ação que vise negar informações ao inimigo é importante. Assim, deve-se louvar o espírito de aventura, a coragem e a atitude dos componentes da “Turma do *flash light*”. Ao dedicar horas de seu tempo de estudo e licença procurando localizar alguém enviando sinais para submarinos inimigos, estavam contribuindo com o esforço de contrainformações que se intensificou no país após a declaração de guerra. É elogiável que, ainda jovens, eles tivessem a noção de que “enviar as próprias mensagens com segurança e rapidez e impedir que o inimigo o faça é condição essencial para ganhar uma guerra”⁵. Portanto, pode-se afirmar que a iniciativa dos Aspirantes da “Turma do *flash light*” foi válida. Passados mais de 60 anos,

até seus contemporâneos, que na época desconfiavam do propósito da missão assumida por aqueles Aspirantes, mudaram de opinião. As palavras de um deles, registradas no livro “Guardas-Marinha na guerra”, de 2004, refletem o reconhecimento da maioria:

“Mais tarde, terminada a guerra e já oficiais, a quase totalidade dos Aspirantes, que não acreditava na validade daquela iniciativa, verificou que fora válida a intenção dos vigilantes noturnos de Villegagnon”.

Reconhecendo a validade da iniciativa, resta-nos cumprimentar, com um atraso de mais de 65 anos, os Aspirantes componentes da “Turma do *flash light*”, os vigilantes noturnos de Villegagnon.

⁵ KEEGAN, John. *Inteligência na guerra*. Companhia das Letras, 2006.

BIBLIOGRAFIA

BORBA, Carlos. *Guardas-Marinha na guerra*. Niterói, RJ. 2004.

BRASIL. Ministério da Marinha. *História Naval Brasileira. Volume V, Tomo II*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1985.

COSTA, Sérgio Corrêa da. *Crônica de uma guerra secreta*. Record, 2004.

HILTON, E. Stanley. *Suástica sobre o Brasil*. Civilização Brasileira, 1977.

KEEGAN, John. *Inteligência na guerra*. Companhia das Letras, 2006.

SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler*. Objetiva, 2007.

SILVEIRA, Joel. *A feijoada que derrubou o governo*. Companhia das Letras, 2004.